

GENTE DA CIDADE



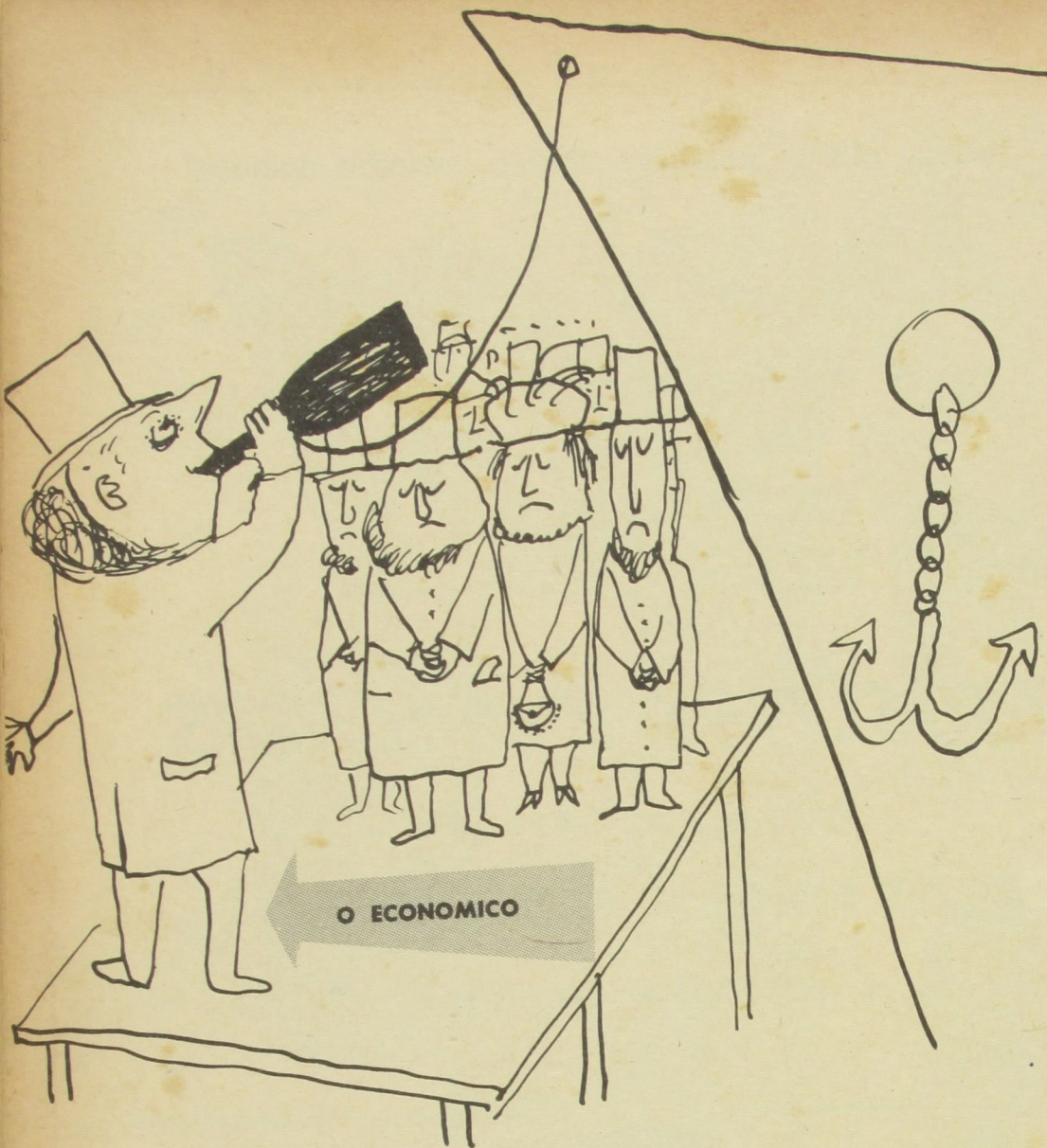
Guimarães Rosa,
vaqueiro

João Guimarães Rosa nasceu à margem do ribeirão da Onça, no arraial de Cordisburgo, entre Curvelo e Sete Lagoas, Minas Gerais, zona de engorda de gado. Pai de Caeté, mãe de Jequitibá, no rio das Velhas, ambos de famílias de fazendeiros de gado. Ali aprendeu as primeiras letras com Frei Esteves, e logo mostrou uma vocação para línguas, aos 6 anos leu seu primeiro livro em francês, "Les femmes qui aiment", não se lembra do nome do autor, era um menino aplicado, Frei Esteves dizia dele e de seu colega Francisco: "Chico est plus joli, mais Jean est plus sage".

"Sage", em todos os sentidos da palavra francesa, seria a verdadeira marca desse menino que em Belo Horizonte, no intervalo de uma partida de futebol com bola de meia, estudava alemão sentado no meio fio, e deixou, por miopia, o lugar de center-half do Colégio Arnaldo, e na Faculdade de Medicina estudaria em livros alemães e receberia distinção em quase todas as matérias, todos os anos. Ainda aos 9 anos arranhou uma licença para poder frequentar a Biblioteca de Belo Horizonte, lia furiosamente de tudo, mas em primeiro lugar as matérias de estudo, dos 10 aos 14 anos apaixonou-se pela História Natural, colecionou borboletas, mosquitos, marimbondos, abelhas, a certa altura ficou com mania de cobras, quando ia a Cordisburgo saía pelo mato procurando cobras, um caboclo lhe disse: "menino, cobra e mulher não se campeia."

Durante o curso secundário e o superior continuou a estudar línguas, especialmente gramática — inglês, russo (que praticou com os cossacos do Don) grego, latim, japonês, sucoo, o diabo. Quando aluno da Faculdade de Medicina entrou quatro vezes em concursos de contos de "O Cruzeiro", as quatro vezes ganhou o primeiro prêmio de 100 mil réis; entretanto escrevia friamente, procurando fazer coisa idêntica à de outras pessoas que tinham ganho o primeiro prêmio, não acreditava em sua vocação literária, mas acreditava em 100 mil réis.

Um amigo alemão que lhe emprestava livros, Afonso de Guayra Heberle, publicou uma novela "O Evangelho das Rosas" e ficou amargurado porque ninguém escrevia sobre ela. O rapazinho Guimarães Rosa, em homenagem ao autor, escreveu um capítulo suplementar dessa novela; o autor, comovido, mostrou-o ao sr. Teixeira de Freitas, que mandou chamar o estudante e lhe deu um emprêgo no Departamento de Estatística do Estado. Formado, foi para Itaguara, município de Itaúna, porque lhe disseram que lá não havia outro médico, e durante dois anos foi médico da roça, cobrava as visitas por légua que andava a cavalo, geralmente o fazendeiro mineiro, para aproveitar o dinheiro da consulta, mandava examinar a família inteira. Terrivelmente consciente de sua responsabilidade, levava mais de hora examinando cada doente, estudava medicina todo o tempo que tinha livre, inclusive andando a cavalo, mais de uma vez por causa disso sofreu queda. Uma vez um sujeito encontrou a mulher aman-



A POESIA É NECESSÁRIA

Fernando Pessoa (1888-1935) é o poeta português moderno mais admirado no Brasil. Escreveu poesia em vários estilos

e metros. O poema que aqui publicamos, sem título, pertence a um dos volumes de suas "Obras Completas".

Foi num momento
O em que pousaste
Sobre o meu braço,
Num movimento
Mais de cansaço
Que pensamento,
A tua mão
E a retiraste.
Senti ou não?

Não sei. Mas lembro
E sinto ainda
Qualquer memória
Fixa e corpórea
Onde pousaste
A mão que teve

Qualquer sentido
Incompreendido,
Mas tão de leve!...

Tudo isto é nada,
Mas numa estrada
Como é a vida
Há muita coisa
Incompreendida...

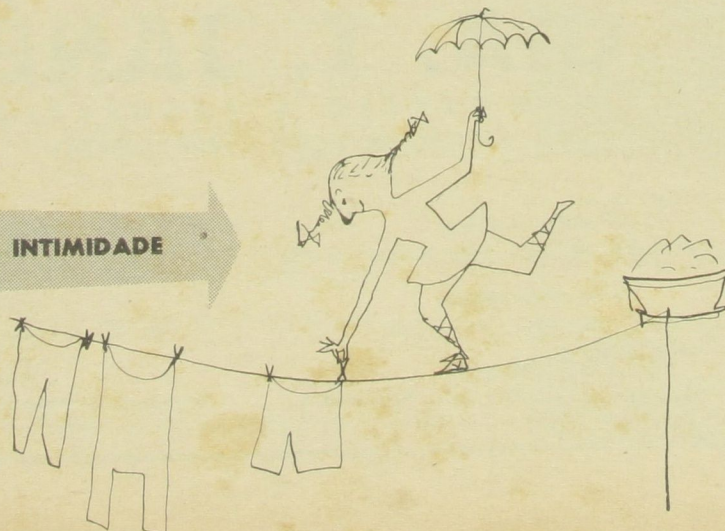
Sei eu se quando
A tua mão
Senti pousando
Sobre o meu braço,
E um pouco, um pouco,
No coração,

Não houve um ritmo
Novo no espaço?

Como se tu,
Sem o querer,
Em mim tocasses
Para dizer
Qualquer mistério,
Súbito e etéreo,
Que nem soubesses
Que tinha ser.

Assim a brisa
Nos ramos diz
Sem o saber
Uma imprecisa
Coisa feliz.

A MOÇA DO CIRCO NA INTIMIDADE

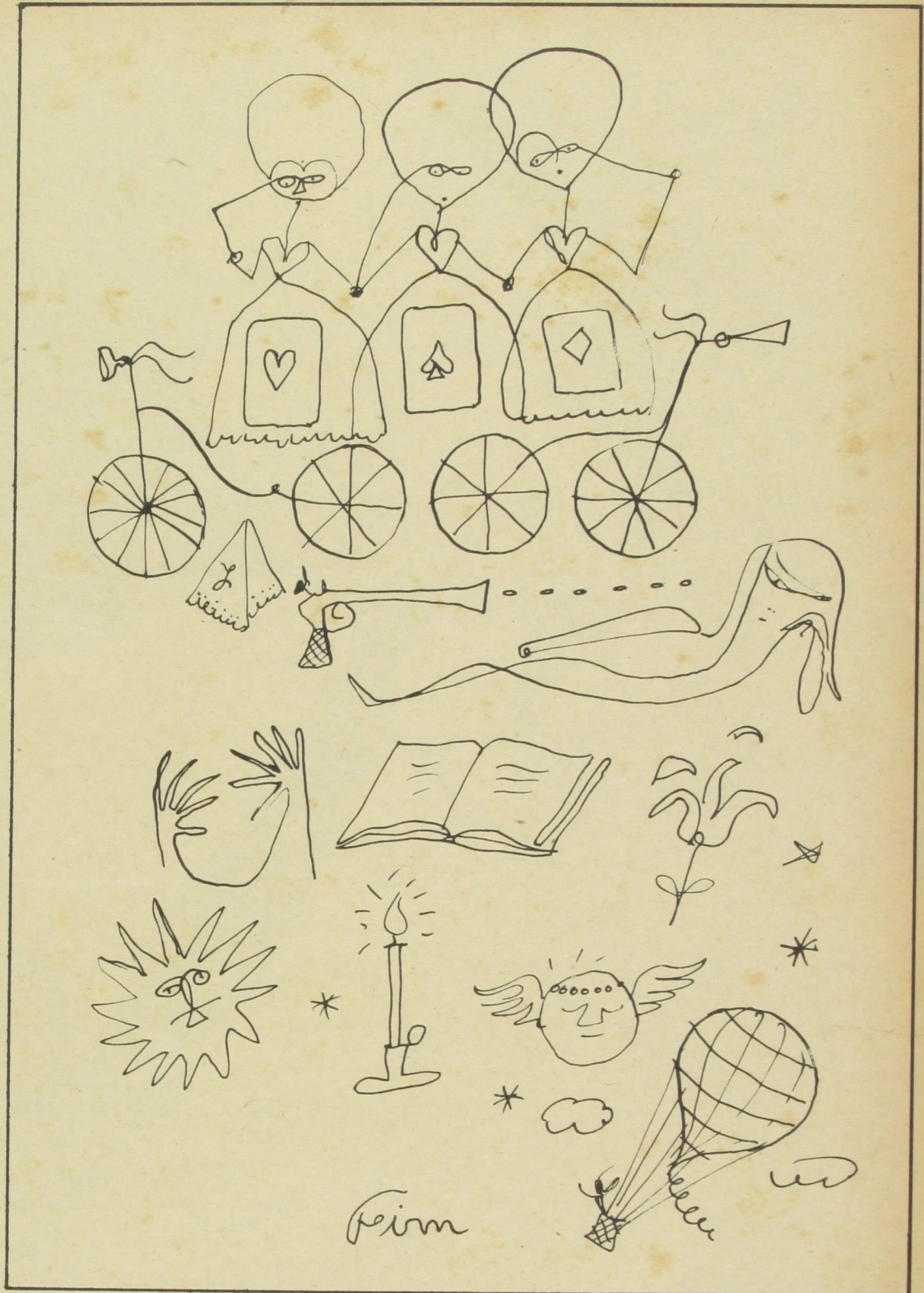


do outro atrás de uma moita, deu-lhe tiros. O amante fugiu, a mulher ficou às portas da morte, o dr. João foi chamado, salvou a mulher, mandou depois a conta para o marido que, indignado, recusou-se a pagá-la. Mezes depois o dr. João soube que o sujeito voltara a viver com a mulher, mandou-lhe novamente a conta, desta vez recebeu.

Criou fama de grande médico na roça, da primeira vez que perdeu um cliente ficou nervosíssimo sem saber o que fazer diante do morto, dava-lhe injeções enquanto pensava consigo mesmo que diabo deve fazer um médico quando o cliente morre, afinal o padre, impaciente, perguntou: "doutor, posso começar?". Foi para casa desesperado, fechou-se no quarto, não quis jantar, lá fora na noite escura, havia uma "encomendação de alma" com velas acesas e lugubres cantorias para outro defunto, achou que ia ser linchado e com razão, afinal soube que todos achavam que ele tinha feito tudo pelo doente. Num outro caso sentou completa inibição diante de um doente de febre alta, examinou-o mais de duas horas, sem saber o que fazer receitou diuréticos, foi para casa agoniado, horas depois vieram lhe dizer que o homem estava bom. Teve muitos êxitos, aprendeu a descobrir a doença só de olhar a cara do doente, geralmente o exame confirmava. Ao fim de dois anos voltou a Belo Horizonte, foi médico voluntário na Força Pública na revolução de '32, depois entrou para o quadro à custa de terrível concurso. Em 1934 está em Barbacena, é oficial médico do 9.º Batalhão de Infantaria, tem vagares para ler outras coisas além de Medicina, volta a estudar línguas, alguém lhe diz: "doutor, se o senhor sabe tantas línguas, porque não vai para o Itamarati?" Ficou meio espantado, achava vagamente que diplomatas eram seres excepcionais que já nasciam de chapéu de bicos dizendo "merci bien", mas aceitou o conselho, pediu livros de Direito emprestado a Bías Fortes e Zézinho, chegou para o concurso completamente desconhecido e muito tímido, a certa altura teve certeza de que estava reprovado foi para o Campo de Sant'Ana ver as cotias e meditar, consolando-se em ver as cotias, ele que sempre gostara de bichos, no interior tivera viveiros, veados, papagaios, tatús. Foi aprovado em segundo lugar, ficou no Rio trabalhando, a certa altura entrou em um concurso da Academia com um livro de versos, "Magma", ganhou o primeiro prêmio, recebeu 3 contos, jamais publicou o livro nem um único poema. Até hoje faz versos sem publicar.

Em 1937 escreveu os contos perfeitamente magistrais de "Sagarana" que só haveria de publicar, revisitos, em 1945. — Em 1938 é consul adjunto em Hamburgo, fez um curso completo de bombardeio aéreo até 42, quando foi internado em Baden Baden com outros brasileiros (Cyro de Freitas Vale, Paulo Carneiro, Cícero Dias, etc.) afinal trocados por diplomatas alemães. Em setembro de 42 é secretário da embaixada em Bogotá, em 44 volta ao Rio, em 46 está no gabinete de João Neves, vai à Conferência da Paz de Paris, em 47 está na Conferência Inter-Americana coroada pela tremenda rebelião popular de Bogotá. De 48 a 50 é secretário da embaixada em Paris, viaja pela Europa, aprende restaurantes e vinhos, depois vem ser chefe de gabinete de João Neves, hoje é ministro e chefe da Divisão de Orçamento, mora em belo apartamento daquele edifício piroquète construído por aviadores da rua Francisco Otaviano.

Publicou "Com o vaqueiro Mariano", edição limitada de uma reportagem poética de viagem pelo pantanal de Mato Grosso, no ano passado acompanhou seus personagens vaqueiros no interior 5 dias juntando gado, 11 de marcha, sabe praticamente tudo a respeito de bois na literatura na lenda e no duro, coleciona descrições e referências sobre estouros de boiadas, tem mil cadernos de notas minuciosíssimas ilustrados por desenhos seus muito bem feitos e precisos. Tem bons quadros, escreve ao som de música, todo o tempo que fez "Sagarana" tocava na vitrola o samba que diz "Quero chorar não tenho lágrimas", gosta de marchas militares alemãs que o animam, quando escreve um pedaço triste de uma novela ele mesmo se detem para chorar, comovido. Agora mesmo bateu 70 páginas em uma semana, aproveitando as férias, continua a ter gatos, tem duas filhas, uma delas noiva, continua a ler tudo, vive muito em casa, bebe seu moderado uísque, será tranqüilamente embaixador, mas a única verdade intensa a seu respeito é o que já escreveu, o que está escrevendo e escreverá — páginas tão densas de humanidade, de amor às coisas e aos bichos, espantosa maestria verbal e especialíssima sensibilidade. — R. B.



HÁBITOS

E de repente nós nos lembramos das damas antigas, dos velhos romances: como guardavam coisas nos seios! Dali tiravam o punhal, a flor, o veneno, maços de cartas, lenços, bicicletas. Ah, é talvez por isso que as mulheres de hoje perderam tanto de seu mistério. Levam apenas seu revólver na bolsa, e nada mais.

E também como suspiravam, as damas antigas. Suspiraram diligentemente até os últimos filmes italianos de antes da Primeira Grande Guerra. Depois apenas me lembro da Greta Garbo, em um de seus primeiros filmes, dar um suspiro e dizer: "music...". Mas ainda essa não tinha mais aquele belo movimento de busto que acompanha o suspiro.

E nem ao menos desmaiam mais, essas senhoras de hoje. Quando o fazem é apenas por mau estado de saúde, físico ou mental. Antigamente o desmaio era um gesto, uma atitude, um recurso normal de mimica; quase que fazia parte da conversação.

Não que fossem falsos desmaios. Não; eram sinceros e naturais. As moças aprendiam a desmaiar como a tocar piano, a fazer bordados, a falar francês.

As meninas, as moças de José de Alencar! Passei anos sem ver essas imagens que deixei perdidas em minha própria adolescência. Hoje, deixando os olhos vadiar pelas estantes, peguei uma velha edição de "Diva". Assim conta ele apenas um instante da beleza de Mila:

"Tinha sua tez a cor das pétalas da magnólia, quando vão desfalecendo ao beijo do sol. Mímosa cor de mulher, se a aveluda a pubescência juvenil, e a luz coa pelo fino tecido, e um sangue puro a escumilha de róseo matiz... Uma altivez de rainha cingia-lhe a fronte, como diadema cintilando na cabeça de um anjo. Havia em toda a sua pessoa um quer que fosse de sublime e excelso, que a abstraía da terra. Contemplando-a naquele instante de enlevo, dir-se-ia que ela se preparava para sua celeste ascensão."

As meninas, as moças de José de Alencar!